

Sobre o Hílemorfismo: corpo e alma como condição de possibilidade do viver

Suelen Pereira DA CUNHA¹

Resumo

O presente trabalho visa demonstrar como a relação entre corpo e alma são indispensáveis para o viver. Para tanto, considera a tese de que o ser animado é uma substância composta de matéria e forma, que também pode ser analisada sob a perspectiva de potência e ato. Neste sentido, o trabalho inicia com a compreensão sobre o que é uma substância, qual tipo de substância é o ser vivo para, em seguida, mediante as definições de alma presentes no livro B do *De Anima*, perceber como se dá a relação entre corpo e alma e porque tal relação é necessária ao viver. Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica que tem como principais aparatos teóricos as obras aristotélicas: *De Anima*, *Metafísica*, *Física* e *Categorias*.

Palavras-Chave: Aristóteles, Ser Vivo, Alma, Corpo.

About Hylomorphism: body and soul as a condition of possibility to live

Abstract

This study aims to demonstrate how the relationship between body and soul are indispensable to live. Therefore, it consider the thesis that excited being is a substance composed of matter and form, which can also be analyzed from the perspective of power and act. In this way, the work begins with the understanding of what is a substance, which type of substance is the living being for, then, by the soul's settings present in book B of *De Anima*, realize how is the relationship between body and soul and as such relationship is necessary to live. This work is a bibliographic research's result main theoretical apparatus the Aristotelian works: *De Anima*, *Metaphysics*, *Physics* and *categories*.

Key Words: Aristotle, Living Being. Soul, Body.

¹ Mestranda pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora no Grupo de Estudos da Universidade Estadual do Ceará e membro do Grupo de Tradução e Recepção dos clássicos da Universidade Federal do Ceará. E-mail: suelenldp2011@gmail.com.

Introdução

A concepção de alma não é uma invenção aristotélica, pois já se fazia presente na literatura grega desde os escritos homéricos, onde se lê: “Canta-me a Cólera – ó deusa!- funesta de Aquiles Pelida, causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos sem conta e de baixarem para o Hades as almas (psychás) de heróis numerosos e esclarecidos” (HOMERO. 2015. VV 1-4). Aristóteles não ignorava as concepções de alma de seus antecessores, prova disso é que, no livro *A* de sua obra *De Anima*, ele discorre sobre tais concepções, apresentando suas críticas. Entretanto, apesar das críticas aos antecessores, se faz importante observar que é a partir daquelas doutrinas que o Estagirita encontra elementos para construir sua tese, conservando aqueles que lhe parecem corretos e rejeitando os que lhe soam como equivocados.

Uma vez que o objetivo deste trabalho é analisar as condições de possibilidade do Ser Vivo na filosofia aristotélica, a compreensão do conceito de alma formulado pelo Fundador do Liceu se faz imprescindível. Ocorre que, mesmo que a alma seja considerada o princípio vivificador do corpo, o entendimento sobre o que é a alma e o que é o viver constituem o ponto de diferenciação entre a condição de existência do Ser Vivo presente na filosofia aristotélica e na de seus antecessores. Por exemplo, Demócrito entendia a alma como um corpo sutil², o que culminava no fato de a vida ser uma característica da realidade corpórea, porque a própria alma era tida como corpo. Já Platão, concebendo a alma como incorpórea, a colocou como superior e independente do corpo³, de maneira que mesmo separada da matéria ela continuaria a viver.

Aristóteles, embora rejeite ambas as possibilidades, percebe que há algo de correto nelas. Como, então, conciliar as duas perspectivas? O Estagirita concebe o ser vivo como uma relação entre corpo e alma, de maneira que todo o que diz respeito às capacidades do ser vivo depende desta associação. Para que tal tese seja possível, Aristóteles: 1º considera o ser vivo como uma substância; 2º tal substância como um composto de matéria e forma que; 3º diz respeito a uma substância corruptível. À vista

2 “Das figuras e átomos em número infinito, chamou ele aos de forma esférica ‘fogo’ e ‘alma’ (eles são como as chamadas ‘poeiras’ existentes no ar [...])”. ARISTÓTELES. *Sobre a Alma*. Tradução de Ana Maria Lóio; revisão científica de Tomás Calvo Martínez; Adaptado para o português do Brasil Luzia Aparecida dos santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. A2, 404a1.

3 Sobre a superioridade da alma em relação ao corpo na filosofia platônica, ver o diálogo *Fédon*.

disso, para que seja possível compreender a condição do viver, é preciso entender: o que é uma substância; como corpo e alma se relacionam com os conceitos de ato e potência, além de matéria e forma e; porque o Ser Vivo, enquanto substância, é classificado como uma substância corruptível.

O primeiro significado do ser: a substância

O ser, em Aristóteles, pode ser dito de muitos modos⁴, de maneira que, para compreendê-lo, deve-se ter em mente os conceitos em que ele está envolvido. Ao tratar dos significados do ser, o Estagirita estabelece quatro modos de o dizer: (1) por acidente; (2) por si, isto é, pelas categorias; (3) sob a perspectiva do verdadeiro e do falso e; (4) o ser como potência e ato (ARISTÓTELES. 2013b. Δ7, 1017^a10-b10). Embora todas as coisas sejam ditas do ser, por exemplo: qualidade, quantidade ou afecção, para o Estagirita, “é evidente que o primeiro dos significados do ser é a essência, que indica a substância” (ARISTÓTELES. 2013b. Z1, 1028^a15). Logo, para saber o que é o *Ser Animado* é preciso estar claro o que é *Ser* e o que é *Animação*. O *Ser* será investigado a partir do seu primeiro significado, a substância.

No *De anima*, a substância é posta como um dos gêneros do ente, mas o que isto quer dizer? Se a substância é tida como um dos significados do *ser*, é preciso observar que ela é, na obra *Categorias*, classificada como primeiras e segundas. Mais que isso, a substância é sujeito, ela “é o substrato último, o qual não é predicado de outra coisa” (ARISTÓTELES. 2013b. Δ8, 1017b24). Dividida em primeiras e segundas, as substâncias primeiras são aquelas que são mais substanciais, uma vez que não são ditas de nenhum sujeito e nem estão em nenhum sujeito, elas se referem ao singular, por exemplo: *um certo homem*. As substâncias segundas, por sua vez, são subdivididas em gêneros e espécies (ARISTÓTELES. 2000. 5, 10a-20).

As espécies estão mais próximas das substâncias primeiras e, portanto, são mais substanciais do que os gêneros. *Um certo homem*, como substância primeira, tem como predicado *homem* e *animal*, substâncias segundas. Assim, ao passo que a espécie *homem* está mais próxima de *um certo homem* (substância primeira), o gênero *animal* está mais distante. Disto, tem-se que as substâncias primeiras são mais particulares,

⁴ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*: Volume II; ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale; tradução Marcelo Perine. 3 ed. - São Paulo: Loyola, 2013. A2, 1003a31.

porquanto dizem respeito ao sujeito (*hypokeímenon*), e as substâncias segundas são mais universais, à medida que se refere aos gêneros e às espécies. Todavia, existe um grau de universalidade entre as substâncias segundas, já que umas, as espécies, estão mais próximas do sujeito, ao passo que outras, os gêneros, estão mais distantes. Os gêneros são, então, mais universais do que as espécies.

A substância primeira é aquilo a que se referem os gêneros e as espécies, de maneira que tudo o que é dito dos gêneros e das espécies é dito, também, da substância primeira, em razão de as substâncias segundas servirem como predicados às primeiras. Portanto, as substâncias primeiras são sujeito para todas as outras categorias (Cf. ARISTÓTELES. 2000. 5, 15b). A relação entre substâncias primeiras e segundas se dá, também, entre gênero e espécie, visto que o gênero serve de predicado às espécies, mas as espécies não predicam o gênero, pois é sujeito para ele. Disto, tem-se que além das substâncias primeiras, só o gênero e as espécies podem ser classificadas como substâncias (Cf. ARISTÓTELES. 2000. 5, 2b30).

Se a substância é sujeito, ela não pode estar em nenhum sujeito. Dessa maneira, a substância primeira nem está em nenhum sujeito e nem pode ser dita de nenhum sujeito. Contudo, as substâncias segundas podem predicar um sujeito, a saber, a substância primeira. Este fato pode levar a pensar que as substâncias segundas estejam em um sujeito, todavia, por serem substâncias, as espécies e os gêneros não podem estar em um sujeito, ainda que o predique, ou seja, que sejam ditas de um sujeito. Sobre isto, Aristóteles esclarece: “[...] homem é dito de um sujeito, a saber, um certo homem, mas não está num sujeito – pois homem não está num certo homem” (ARISTÓTELES. 2000. 5, 2a10). A substância é sujeito de definição, enquanto o predicado é tudo aquilo que se diz de um sujeito. As substâncias primeiras referem-se, sempre, ao particular, ao passo que as segundas, as espécies e os gêneros, aos universais. Logo, são os universais que predicam as substâncias primeiras.

Na *Metafísica*, Aristóteles, menciona quatro significados de substância: 1º corpos simples e as coisas compostas a partir deles; 2º o que é imanente e, portanto, não se predica de um substrato (*hypokeiménou*); 3º as partes imanentes à coisa e que a delimitam, exprimindo uma determinação e; 4º a essência da coisa (ARISTÓTELES.

2013b.Δ 8). O primeiro sentido apresenta a substância como não predicada de um substrato, mas como algo em que tudo é predicado dela. O segundo, como causa do ser das coisas. O terceiro, que sua eliminação significa a eliminação da coisa mesma. O quarto, que sua noção define a coisa. Os significados acima citados são, então, resumidos em dois: 1º substância é o substrato último, que não pode ser predicado de outra coisa, em outros termos, é o sujeito e primeira substância exposta na obra *Categorias*; 2º é a determinação que também pode ser separável, por exemplo, matéria e forma das coisas.

O substrato: matéria, forma e composto.

A substância como substrato (*hypokeímenon*) diz respeito à substância primeira, uma vez que sem ela não há predicação, dado que o que se diz é dito dela. A substância é, então, em um sentido, matéria (*hylé*), noutro, forma (*morfê*) e noutro, ainda, um composto de matéria e forma (*sýnolo*). Embora o substrato possa ser entendido como um composto de matéria e forma, perceber o que é cada um destes termos na filosofia aristotélica é fundamental. A matéria é apreendida ora como sujeito, ora como potência. Vejamos cada uma destas compreensões. Sobre a matéria como sujeito, é dito: “denomino ‘matéria’ aquilo que primeiramente está subjacente a cada coisa, como elemento imanente de que algo provém não por concomitância.” (ARISTÓTELES. 2009. 192a30-2). Como sujeito, a matéria é indeterminada. Porém, tal matéria é matéria primeira, que não é aquilo de que provém as coisas, sendo, antes, o sujeito comum de todas as matérias.

Quando dizemos que um ser não é algo determinado, mas que é feito de algo [...], fica evidente que, primeiramente falando, esse último termo sempre é em potência aquilo que se lhe segue imediatamente. [...] E se não existe algo originário que não possa mais referir-se a outro como se fosse feito dele, então esse algo será a matéria prima [...] que não é alguma coisa determinada. (ARISTÓTELES. 2013b. Θ7, 1049a18-27).

Quando o sujeito é objeto real, seja como ser animado seja como inanimado, ele possui um duplo aspecto, no qual um se refere à determinação e outro se refere à indeterminação. Isso porque o objeto é determinado pela forma e é indeterminado por possuir matéria, que é passível de ser atualizada.

Quando o que é predicado é algo determinado, o substrato último é a matéria, ou a substância no sentido de matéria. É aqui que entra o segundo sentido de matéria, isto é, a matéria enquanto potência. Ocorre que todas as coisas que *vêm a ser* (*gignómena*) possuem matéria, são objetos de estudo da física e têm potência para ser ou não ser (Cf. ARISTÓTELES. 2013b. Z7, 1032a20-22). Na *Metafísica* Δ12, são distinguidos cinco sentidos de potência (*dýnamis*), são eles: 1. “princípio de movimento ou mudança que se encontra em outra coisa ou na própria coisa enquanto outra”; 2. “princípio pelo qual uma coisa é mudada ou movida por outra coisa ou por si própria enquanto outra”; 3. “capacidade de realizar algo bem ou adequadamente”, esta é entendida como potência ativa; 4. potência passiva, que é a capacidade de sofrer algo e; 5. a incapacidade ou dificuldade de mudar para pior.

A matéria pode ser entendida como potência nos três primeiros significados, pois, à medida que sofre mudança, é princípio de movimento. Já a forma, é aquilo que determina a matéria e é, neste sentido, mais natureza do que a matéria. Sobre a primazia da forma em relação à matéria, no que concerne à definição, é dito: “E esta – a forma- é natureza mais do que a matéria, pois cada coisa encontra sua denominação quando é efetivamente, mais do que quando é em potência” (ARISTÓTELES. 2009. 193a8-11). Na qualidade daquilo que determina, a forma pode ser vista na perspectiva do ato (*enérgeia*) e este é “o existir de algo, não porém no sentido em que dizemos ser em potência” (ARISTÓTELES. 2013b. Θ6, 1048a32). Em um ente inanimado, como uma estátua, exemplifica Aristóteles, a matéria (*hýle*) é o bronze, ou aquilo de que a estátua provém, a forma (*morfé*) é a estrutura e o sínolo (*sýnolon*) é a estátua, composto de matéria e forma (Cf. ARISTÓTELES. 2013b. Z3, 1029a3-5).

O ser animado:

Uma vez tornado claro que existem múltiplos modos de dizer o ser, que a substância é o seu primeiro sentido e, dentre as substâncias, a substância primeira, que diz respeito aos seres dos quais tudo é predicado, é preciso atentar ao fato de que o Estagirita identifica três tipos de substâncias que pertencem a diferentes gêneros. Os tipos de substâncias são: eternas, corruptíveis e imóveis (Cf. ARISTÓTELES. 2013b. Δ1,1069a29-33). Apesar de serem três os tipos de substâncias, Puentes observa que estas se tratam, antes, de uma dicotomia, em razão de existir uma divisão anterior entre os

seres móveis e imóveis. “Uma análise mais cuidadosa, porém, revela que, a rigor, não há uma tricotomia das substâncias, mas sim uma dicotomia, no interior da qual ocorre uma outra subdivisão dual” (PUENTE, 2001. p. 107). O que caracteriza a esfera dos seres móveis é que nela está presente a realidade sensível, que se divide entre seres corruptíveis e incorruptíveis.

O objeto de investigação deste estudo, a saber, o Ser Vivo, é o gênero de substância móvel e corruptível e, como tal, é objeto de uma ciência específica, a física; segundo a divisão das ciências que segue, rigorosamente, a divisão do estudo das substâncias. Ora, Aristóteles divide o conhecimento em três grandes áreas: especulativo (*theoretiké*), prático (*praktiké*) e produtivo (*poietiké*)⁵. Entre os conhecimentos especulativos, há uma divisão segundo as substâncias (móveis e corruptíveis, móveis e incorruptíveis e imóveis), na qual a física é posta como a ciência dos seres móveis e corruptíveis, porque trata da união intrínseca entre forma e matéria. Sobre isto, é dito:

Portanto, se todo conhecimento racional é ou prático, ou produtivo, ou teórico, a física deverá ser conhecimento teórico, mas conhecimento teórico daquele gênero de ser que tem potência para mover-se e da substância entendida segundo a forma, mas prioritariamente considerada como indispensável da matéria. (ARISTÓTELES. 2013b. E1, 1025b25-28.)

A natureza é constituída de forma e matéria (ARISTÓTELES. 2009. II, 2. 194a12) e os entes naturais assim devem ser compreendidos. Ora, se a natureza é concebida como um *vir a ser*, ela “é processo em direção à matéria”. Isto é, o ente natural é aquele que é capaz de produzir um semelhante, sendo justamente esta a diferença entre os entes naturais e os artificiais, ou produzidos. Aristóteles, ao discorrer sobre a característica de gerar um semelhante como inerente aos seres naturais que *vem a ser*, demonstra sua tese por meio de um exemplo: ele argumenta que se uma cama (objeto artificial) fosse plantada e adquirisse o poder de brotar, o que nasceria não seria uma cama, mas madeira, em razão de a madeira ser natural e por isso ter o poder de produzir um semelhante, o que não ocorre com a cama.

Os seres naturais corruptíveis são subdivididos em animados e inanimados. No *De Anima*, os corpos naturais são postos como princípios (*archai*) dos demais,

⁵ Isto porque, de acordo com *Tópicos*. VI 6, 145^a18: “O conhecimento especula alguma coisa, produz alguma coisa ou faz alguma coisa”.

de modo que são eles que, primeiramente, merecem ser denominados como substâncias. Logo, “todo corpo natural que participa da vida será, conseqüentemente, uma substância, e isso no sentido de substância composta” (ARISTÓTELES. 2013a.B1, 412^a15-17). Ora, se o que diferencia um corpo natural animado do inanimado é a presença da vida, deve-se atentar para o princípio que dá vida aos corpos. Neste sentido, Araújo, com base no *De Anima*, assegura que a alma (*psychê*) é o princípio que dá vida (Cf. ARAÚJO, 2010. p. 2). O mencionado estudioso ainda nos alerta ao fato de o conceito de alma não ser uma descoberta aristotélica⁶, mas que o Estagirita tem uma compreensão de alma (*psychê*) diferente da de seus antecessores. Tal compreensão permite perceber como a alma passa a ter, como Aristóteles, uma relação intrínseca com o corpo.

As definições de alma.

Objeto de estudo da física, o ser animado é aquele que participa do viver e, para isto, é necessário ter autoalimentação, crescimento e decaimento (Cf. ARISTÓTELES. 2013a. B1, 412a15). Tais capacidades dizem respeito a uma substância composta de corpo e alma. No livro E da *Metafísica*, é exemplificado, através da noção de achatado e concavidade, no qual o achatado é sempre unido à matéria enquanto a concavidade é privada dela, que o achatado é relativo a um corpo, a saber, o nariz côncavo, que está ligado à parte da alma que não pode existir sem matéria (ARISTÓTELES. 2013b. E1, 1025b30-1026a7). Ora, bem como a noção de achatado, a possibilidade do viver só existe mediante a união de matéria e forma, que aparece no gênero de corpos naturais como união de corpo e alma, que atuam como potência e ato. Guerreiro, sobre esta perspectiva hilemórfica necessária à vida, comenta:

Nos seres vivos, há algo, em si, que é indeterminado, mas que é capaz de receber determinação de outra coisa, e há o princípio de determinação ou de perfeição. O primeiro deles é o corpo, que é a matéria capaz de vir a ser vivente. O segundo, princípio de determinação pelo qual a matéria se reveste de uma forma, é a alma. Assim, a relação que existe entre alma e corpo é a mesma que existe entre forma e matéria.⁷ (GUERREIRO. 1992. p. 46).

⁶ Pois já se encontrava na literatura grega desde os tempos de Homero, de modo que, já no primeiro canto da *Íliada* é possível ver que os gregos possuíam uma concepção de alma que poderia existir separada do corpo. “Canta-me a Cólera – ó deusa!- funesta de Aquiles Pelida, causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos sem conta e de baixarem para o Hades as almas (*psychás*) de heróis numerosos e esclarecidos, ficando eles próprios aos cães atirados e como pastos das aves”. HOMERO. *Op. cit.* 2015. Vv 1-5.

⁷ Tradução livre.

As definições de alma (*psyché*) são o que melhor podem auxiliar na compreensão do papel determinante da união corpo-alma na existência do ser animado, em razão de a matéria ser substrato e fora da sua relação com a forma não poder ser determinada, sendo incognoscível. Na primeira definição de alma, é dito: “A alma, portanto, tem de ser necessariamente uma substância, no sentido de forma de um corpo natural que possui vida em potência” (ARISTÓTELES. 2013a. B1, 412^a19-21). Nesta definição, o que pode ser constatado é que: 1° a alma é uma substância; 2° tal substância é forma; 3° esta forma é forma de um corpo natural; 4° este corpo natural possui vida em potência. Partindo da perspectiva de que a alma, enquanto forma, é determinação e que a alma é forma de um corpo, pode-se concluir que a alma é quem determina o corpo.

Na tese aristotélica, há uma estreita relação entre corpo/matéria/potência e alma/forma/ato. O corpo, enquanto sujeito, não serve de definição a nada, correspondendo à matéria, que não é determinada fora da sua relação com a forma. Por não ser determinada, a matéria é aquilo que sofre atualização e ao passo que é capaz de receber determinação, é potência. Sobre o sentido de potência enquanto matéria, Puente afirma: “Na potência de sofrer, por conseguinte, já se pode vislumbrar o sentido não-cinético de potência, isto é, o sentido de potência enquanto matéria.” (PUENTE. 2001. p. 87). Já no que se refere à tríade alma/forma/ato, tem-se que a alma é aquilo que predica o corpo, o que pode ser visto na primeira definição apresentada, quando a alma é posta como substância de um corpo natural, e substância enquanto forma. Se a forma é a determinação de um corpo, isto significa que ela é ato (*enérgeia*), ou seja, é aquilo que está efetivado.

Já imerso nestas concepções triádicas de correspondência entre corpo/matéria/potência e alma/forma/ato, a segunda definição encontrada no *De Anima* trabalha com a pressuposição de que tais correspondências já foram identificadas. “a alma será, assim, o ato de um corpo daquele tipo (que possui vida em potência)” (ARISTÓTELES. 2013b. B1, 412a22). Partindo da noção de que a vida não é algo “obrigatório” de um corpo natural, o que pode ser empiricamente constatado, dado que há corpos naturais que não possuem vida⁸, torna-se evidente que a alma é determi-

8Como pedras, madeiras, bronze. Todos estes são considerados corpos naturais, ainda que não sejam considerados matéria prima e nem propriamente os quatro elementos, terra, ar, água e fogo.

nação de um tipo especial de corpo, daqueles que possuem vida em potência. Se um dado corpo natural só possui vida em potência, quando é dito que a alma é ato deste tipo de corpo, significa dizer que a partir do momento em que ela estiver presente no corpo natural que pode ter vida, tal corpo terá vida, porque ocorrerá uma atualização. O corpo, então, deixará de ter vida em potência para tê-la em ato, isto é, efetivamente.

Na quarta⁹ definição aristotélica da alma, é possível ver que há uma particularidade nos corpos naturais que podem ter vida. “se cumpre dizer, com efeito, algo comum a todo o tipo de alma, esta será o primeiro ato de um corpo natural que possui órgãos” (ARISTÓTELES. 2013b. B1, 412b4-5.). Tais corpos são aqueles que possuem órgão e, segundo Reis, órgãos são instrumentos naturais que visam atingir uma finalidade específica, que possuem uma função (Cf. REIS. 2012. p.207). Para Aristóteles, todos os corpos naturais que tem vida em potência são corpos orgânicos, isto desde as plantas, em que cada uma de suas partes é um órgão, ainda que extremamente simples, até os animais, cujos órgãos são mais complexos. Se os órgãos dos seres vivos são instrumentos materiais, é forçoso admitir que eles só podem alcançar sua finalidade mediante a presença da alma. Caso contrário, o viver não é possível, posto que não haveria uma atualização do corpo e sem tal atualização a autoalimentação, crescimento e decaimento, que são expressões próprias do viver, não seriam possíveis.

Se o olho fosse um animal, a visão seria a sua alma. Ora, o olho é a matéria da visão, à parte da qual não existe olho, exceto por homonímia (como, por exemplo, um olho esculpido em pedra ou um olho talhado). Cumpre, na realidade, aplicar agora a todo corpo vivo o que aplicamos às partes, pois a relação existente entre as partes é análoga à que existe entre a sensibilidade no seu todo e todo o corpo dotado de sensibilidade enquanto tal. (ARISTÓTELES. 2013a. B1, 412b18-25)

Se a alma é o que determina o corpo, fora de sua relação com a alma, tanto o corpo como um todo quanto uma parte específica dele deixa de ser o que é, conservando o nome apenas por homonímia. Ora, para o Estagirita, homônimo é: “Aquilo que apenas tem comum o nome, sendo diferente a definição da essência associada ao nome” (ARISTÓTELES. 2000. 1, 1a1-3). Bem como um olho não é olho ao perder sua função, isto é, o enxergar, pois não pode ser

⁹ A terceira definição de alma está totalmente de acordo com a segunda, mas há uma especificação quanto ao tipo de atualidade que a alma é. É dito: “a alma é a primeira atualidade de um corpo natural que tem em potência vida”. ARISTÓTELES. *op. cit.* 2013b. B1, 412a29.



definido como um olho, um corpo que perde sua capacidade de nutrir-se, crescer ou decair não pode ser denominado como um ser vivo, exceto por homonímia. Assim, um corpo sem alma, que é o que possibilita a atualização, o realizar das funções vitais, não é um ser vivo. De forma que se conclui que o viver depende tanto do corpo, sem o qual não há o que ser determinado, como da alma, que é determinação.

Conclusão

Ao passo que o viver depende tanto do corpo como da alma, torna-se perceptível que Aristóteles rompe com seus antecessores, já que para os antecessores o viver dependeria ou da corporeidade (visto que a própria alma era considerada um tipo de corpo¹⁰, o que pode ser percebido na concepção de alma como átomo) ou da alma como incorpórea¹¹. A citada ruptura ocorreu porque as doutrinas dos antecessores levavam à aporias, uma vez que, no primeiro caso, qual seria a relação entre matéria e forma diante da corporeidade da alma? E na alma como incorpórea, qual o papel do corpo no viver, dado que a alma teria vida mesmo fora do corpo? Para o Estagirita, só há vida a partir do momento que a alma está no corpo e só durante o tempo em que ela lá estiver. Isto de tal forma que quando ocorre o fenômeno morte, que é entendido como a separação entre corpo e alma, não existe mais vida, de maneira que a própria alma deixa de existir.

Tais implicações só são possíveis de serem compreendidas mediante a tese hilemórfica, porque a condição de possibilidade para o viver depende do entendimento da alma como ato, determinação e forma de um tipo especial de corpo e o corpo, por sua vez, tem de ser entendido como substrato, potência e matéria. O Ser Vivo, então, deve ser analisado como uma substância primeira pertencente à categoria de seres corruptíveis, tendo no composto de forma e matéria sua condição de existência. Ora, à medida que a forma é tida como determinação da matéria, a mútua dependência de matéria e forma se torna inquestionável. Porque a alma é determinação, deve existir

¹⁰Tese de Demócrito.

¹¹ Tese mais comum e que se encontra presente tanto na concepção de alma exposta nos escritos homéricos, como nos platônicos e outros que lhe antecedem, chegando, inclusive, até pensadores posteriores a Aristóteles, como grande parte dos pensadores do medievo.

algo que possa ser determinado, este algo que tem a potência de ser determinado é o corpo.

Para Aristóteles, a tese hilemórfica aplicada à inseparabilidade de corpo e alma é essencial, ao ponto dele a demonstrar não apenas na concepção do ser vivo como um todo, mas também através das faculdades da alma. Pois, se viver é definido como autoalimentação, crescimento e decaimento, estas expressões só são possíveis mediante uma das faculdades da alma, aquela indispensável para o desenvolvimento biológico do ser vivo, a nutrição. O nutrir-se, bem como o perceber, o discursar e o locomover-se, é uma faculdades da alma, mas é a mais necessária de todas.

A faculdade nutritiva é aquela que proporciona a vida, por ser responsável pela alimentação (ARISTÓTELES. 2013a. B4, 415a22) que, no processo de fazer o semelhante semelhante¹², possibilita o crescimento e a reprodução. Mas, o que há de importante nesta faculdade para a compreensão do hilemorfismo como imprescindível ao viver é que, se por um lado a nutrição é uma faculdade da alma, por outro, ela só é possível por um órgão determinado, ou um conjunto de órgãos determinados. Logo, até as capacidades da alma mais fundamentais ao viver são sustentadas pelo corpo, de modo que também elas necessitam da união de matéria e forma, potência e ato, corpo e alma. Disto, tem-se que a psicologia aristotélica tem como fundamento esta relação intrínseca entre corpo e alma, que se apresenta como uma relação necessária à vida e a suas manifestações.

12 "Para mais, o alimento é afetado pelo ente que se alimenta, enquanto este não é afetado pelo alimento [...] enquanto não digerido, o contrário é alimentado pelo contrário; enquanto digerido, o semelhante é alimentado pelo semelhante". ARISTÓTELES. *op. cit.* 2013a. B4, 416a34-416b4.

Referências

ARAÚJO, Hugo Filgueiras de. *Relação corpo e alma, no De Anima de Aristóteles*. In: *Revista FAFI@: Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras*. Vol.1, N.1, 1º Ed, Ano: 2010. Disponível em: <<http://www.fescfatic.edu.br/revista/index.php/component/k2/11-relacao-corpo-e-alma,-no-de-anima,-de-aristoteles>> Acessado em: 15 de junho de 2016.

ARISTÓTELES. *Das Categorias*. Introdução, tradução e notas de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instiuto Piaget, 2000.

_____. *De Anima*. Apresentação, tradução e notas de Cecília Gomes dos Reis. 2º ed. – São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. *Física*. Prefácio, introdução e comentários: Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *Física*. Traducción y notas: Guillermo R. De Echandía. Editorial Gredos, 1995.

_____. *Metafísica: Volume II; ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale; tradução Marcelo Perine*. 3 ed. - São Paulo: Loyola, 2013.

_____. *Sobre a Alma*. Tradução de Ana Maria Lóio; revisão científica de Tomás Calvo Martínez; Adaptado para o português do Brasil Luzia Aparecida dos santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. *Tópicos*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bonheim da versão inglesa de W. A. Pickard. 2 ed. – São Paulo, Abril Cultural, 1983.

GUERREIRO, Rafael Ramón. *La recepcion árabe del De Anima de Aristóteles: Al-Kindi y Al-Farabi*. Madrid: CSIC, 1992.

HOMERO. *Íliada*. Tradução e introdução Carlos Alberto Nunes. 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

PUENTE, Fernando Rey. *Os sentidos do tempo em Aristóteles*. SP: Loyola, 2001.